

DISCURSOS SOBRE A PROFISSÃO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO COM A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Ana Paula Domingos Baladeli¹
Aparecida de Jesus Ferreira²

RESUMO: As identidades sociais e profissionais são (re)construídas ao longo de nossas trajetórias de vida e profissionais. Este artigo aborda o processo de (re)construção identitária de quatro professores em formação inicial por meio da análise de quatro narrativas autobiográficas de uma universidade pública no Paraná. Fundamentamos nossa análise no conceito de identidade profissional como continuum e problematizamos o impacto dos discursos (re)produzidos socialmente sobre a profissão professor, estes que influenciam na forma como os futuros professores compreendem a si e a profissão professor.

Palavras-chave: formação do professor; identidade profissional; discurso.

Discourse about the teacher profession and its relation to the professional identity reconstruction

ABSTRACT: The social and professional identities are reconstructed along our life and professional trajectories. This paper discuss the process of reconstruction identity of four pre-service teacher education of an university of Parana state through the analysis of their autobiographical narratives. We based our analysis on the continuum identity concept and we discuss the impact of discourses (re)produced socially on teacher profession and their comprehension about him/herself and about the profession.

Keywords: teacher education; professional identity; discourse.

Introdução

A construção da identidade social ou, em específico, da identidade profissional tem se apresentado como campo profícuo para a área de formação de professores, isso porque, o conhecimento das percepções que os professores têm de si e da profissão podem contribuir na instauração de novos rumos na formação de professores (TELLES, 2002b; SOUZA, 2008). Ao conhecermos as expectativas de professores em formação inicial bem como suas trajetórias de vida e escolar abrimos caminho para novas possibilidades de (re)construção de

¹ Mestre em Educação - UEM. Mestre e Doutoranda em Letras (Linguagem e Sociedade) – UNIOESTE, Brasil. apdbaladeli@gmail.com

² Doutora em Educação de Professores – University of London Institute of Education, Inglaterra. Professora associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil. aparecidadejesusferreira@gmail.com

suas identidades profissionais. Isso ocorre porque, conforme os professores tanto em formação inicial quanto continuada verbalizam suas experiências de vida e suas memórias de estudantes, estão concomitantemente ressignificando sua própria história (BOTIA, CRUZ e RUIZ, 2015).

Segundo Pimenta (1998) a identidade profissional do professor vindo sendo tecida muito antes de seu ingresso na licenciatura, o que significa dizer que mesmo na condição de alunos(as) na educação básica os professores em formação inicial já estavam imersos em discursos sobre a profissão professor e, ainda que na condição de alunos, já participavam da realidade da profissão. Nessa mesma linha de raciocínio estão estudos de Dubar (2005); Hall (2009), Woodward (2009), Jenklink (2014), Botia, Cruz e Ruiz (2015) que também compreendem a identidade como uma produção social e cultural que se vale das interações e das práticas sociais para ser negada, afirmada, ressignificada ou hibridizada. A identidade social e profissional passaria então, por ajustamentos e confrontos inúmeras vezes ao longo de nossas vidas (DUBAR, 2005; HALL, 2009).

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise das identidades profissionais de quatro professores em formação inicial, acadêmicos do curso de Pedagogia de uma universidade pública no interior do Paraná, por meio da elaboração de uma narrativa autobiográfica escrita no contexto da disciplina de Alfabetização e Letramento. Para Clandinin e Connely (2011) e Telles (2002b), o ato de narrar oferece uma forma de conhecer a si mesmo e de ressignificar sua própria trajetória de vida e/ou profissional. A pesquisa narrativa pode incluir a análise de autobiografias, relatos, histórias de vida, memórias, diários, fotografias e entrevistas orais ou outras formas de registro de memória como instrumentos que auxiliam no conhecimento dos professores que tivemos e projetarmos que professores seremos (CLANDININ e CONNELLY, 2011; TELLES, 2002a; SOUZA, 2008; SILVA e BARLETTO, 2012).

O artigo está organizado em quatro seções, na primeira retomamos os pressupostos da pesquisa narrativa e discorremos sobre sua contribuição para a formação de professores; na segunda apresentamos a definição de identidade com base em autores que nortearam a nossa análise dos discursos dos professores em formação inicial; na terceira apresentamos e analisamos o *corpus* composto por excertos de quatro narrativas autobiográficas e, por fim, nas considerações finais, problematizamos os resultados e discorremos sobre a contribuição do ato de narrar as trajetórias de vida, escolares e profissionais como pressuposto para a (re)construção da identidade profissional.

1.O aporte teórico da pesquisa narrativa

A pesquisa narrativa permite ao sujeito pesquisado selecionar quais informações e de que forma estas serão divulgadas ao pesquisador, superando assim outros métodos de pesquisa mais impositivos, por essa razão, (NÓVOA, 1995; CONNELLY e CLANDININ, 1990; TELLES, 2002a, LOGUERCIO e DEL PINO, 2003; SOUZA, 2008; LARROSA, 2004; BOTÍA, CRUZ e RUIZ, 2015) destacam a relevância da pesquisa narrativa tanto para o cenário científico quanto para a área de formação de professores. Em outras palavras, narrar as trajetórias de vida, escolar e profissional contribui para o (re)conhecimento de experiências e representações, dado que pode estar também subjacente nas práticas pedagógicas e nas concepções de educação de professores em formação inicial e continuada.

Clandinin e Connely (2011) asseveram que a pesquisa narrativa favorece na incursão do pesquisador no interior dos fenômenos sociais e históricos e que pelo fato de ser menos invasiva que outros métodos possibilita aos sujeitos pesquisados maior controle sobre os dados que desejam revelar sobre si. Outro aspecto debatido pelos pesquisadores refere-se aos cuidados éticos necessários no tratamento dos dados, visto que, por alinhar-se a uma análise interpretativista, carece considerar as condicionantes históricas, sociais e culturais subjacentes nos discursos dos pesquisados. A esse respeito, Clandinin e Connely (2011) afirmam que a questões de ética e de responsabilidade inerente a todo pesquisador (narrativo ou não) na elaboração e divulgação da pesquisa narrativa, devem incluir a autorização para uso dos dados, isso porque, “[...] os pesquisadores precisam ser sensíveis a essas histórias que os participantes contam sobre eles” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.230).

A pesquisa narrativa na percepção de Telles (2002b), Clandinin e Connely (2011), Larrosa (2004) propicia o conhecimento de aspectos da história de vida de uma forma mais imersiva, reflexiva e, portanto, mais profícua ao desenvolvimento de diversas interpretações e ressignificações. Ainda segundo Telles (2002b), a pesquisa narrativa na formação de professores “[...] abre espaços aos seus participantes para a construção de um auto-conhecimento, o conhecimento de sua subjetividade em relação direta com o conhecimento de sua própria prática profissional” (TELLES, 2002b, p.23).

Na próxima seção, tratamos da questão do processo de (re) construção de identidades sociais e atrelamos à pesquisa narrativa como caminho para a interpretação das experiências reveladas pelos sujeitos pesquisados no sentido de problematizarmos a (re)construção da identidade profissional.

2. O *continuum* da identidade profissional do professor

O conceito de identidade social adotado neste artigo está fundamentado nos estudos de Dubar (2005); Hall (2009) e Woodward (2009), para quem as relações sociais, bem como o lugar social em que se encontram os sujeitos ou grupos sociais influenciam na construção, na ruptura e/ou na afirmação de diferentes identidades. Isso não significa que mudamos constantemente de identidades conforme nossa vontade e, sim, que por ocuparmos diferentes papéis sociais, assumimos ou não certas identidades conforme as relações de poder, as condições históricas, sociais e culturais em que participamos. “A identidade é vista como contingente; isto é, como produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares” (WOODWARD, 2009, p. 38).

Nesse sentido, cumpre destacar o papel do discurso no processo de (re)construção de identidades que por sua natureza não neutra, conforme asseveram Mendes (2001), Danielewicz (2001) e Larrosa (2004), Loguercio e Del Pino (2003) influenciam e servem como pano de fundo para o processo de construção, afirmação ou negação de identidades, ou seja, as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos.

Os discursos são poderosos construtivos de identidades, porque são por natureza ideológicos. Muitos discursos são múltiplos e simultâneos; em qualquer tempo um indivíduo pode ser envolvido em muitos discursos. Os discursos não são apenas diferentes, são também hierárquicos. Às vezes, a participação em um discurso conflita ou neutraliza o pertencimento em outro. Em alguns casos, os indivíduos têm a oportunidade de escolher entre discursos concorrentes (DANIELEWICZ, 2001, p. 11).³

Para Larrosa (2004) a construção de nossas identidades está subjacente ao ato de narrar, isso porque, nossas histórias são construídas narrativamente e (re)memorar ou registrar tais histórias pressupõe fazê-lo de certas formas conforme as práticas discursivas, sociais e políticas em que as mesmas foram gestadas.

No que se refere às especificidades da identidade profissional Dubar (2005) em uma análise sociológica categorizou as identidades em atos de atribuição e atos de pertencimento. A primeira refere-se ao tipo de homem ou de mulher que você é ou (dizem que você é); e a segunda ao tipo de homem ou de mulher você quer ser ou (você diz que você é). Além disso,

³ Tradução nossa para - “Discourse are powerfully constructive of identities because they are inherently ideological. Many discourses are multiple and simultaneous; at any one time an individual can be involved in many different discourses. Discourses are not only various; they are also hierarchical. Sometimes participation in one discourse conflicts with or counteracts membership in another. In some instances, individuals have the opportunity to choose between competing discourses” (DANIELEWICZ, 2001, pp. 11).

para Dubar (2005) a identidade, a partir da socialização dos sujeitos, tende a (re)compor-se num *continuum* e ajustes e rupturas em face às condições sociohistóricas e também diante das representações sociais que estas assumem.

Em se tratando da formação do professor, a pesquisa narrativa pode contribuir para o (re)conhecimento das influências socioculturais e epistemológicas que fundamentam a identidade social e também a identidade profissional de professores tanto em formação inicial quanto continuada.

A pesquisa de Souza (2008) que analisou memoriais de mestrados de uma universidade da Bahia no período de 2001 a 2008 destacou que a narrativa como investigação contribui para o autoconhecimento dos percursos de formação dos sujeitos e também para o levantamento das aspirações que os mestrados tinham em relação à profissão. Na perspectiva de Souza (2008), “[...] as idéias de biografia, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e se enraízam no curso da vida, como uma maneira que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura” (SOUZA, 2008, p. 39). Por essa razão, propor momentos de sistematização de memórias de vida e escolares durante o processo de formação inicial ou continuada de professores pode favorecer na identificação dos percursos formativos dos professores incluindo a relação com os professores, as expectativas com a escola, os discursos sobre a profissão professor, a identificação ou não com as matérias escolares entre outros aspectos que compõem gradativamente as identidades profissionais.

A segunda pesquisa sobre identidade profissional foi realizada por Beijaard, Meijer e Verloop (2004) em que, por meio da revisão da literatura identificaram uma lacuna no cenário científico no que se refere à pesquisas sobre identidade profissional. Segundo os pesquisadores a ênfase na dimensão pessoal em detrimento de uma interpretação das condicionantes contextuais de formação do professor pareceu ser o aspecto mais latente a ser suprido em pesquisas futuras sobre formação de professores e identidade profissional. Essas condicionantes das quais Beijaard, Meijer e Verloop (2004) discorrem, referem-se ao contexto formal em que estão inseridos os futuros professores, contexto esse que interfere sobremaneira nas representações que vão sendo construídas sobre si e sobre a profissão professor. Portanto, caberia incluir nas pesquisas o levantamento do panorama sociohistórico em que ocorreram as trajetórias dos professores, fazendo isso seria possível interpretar não somente os caminhos percorridos pelos sujeitos que almejam ser professores como também suas aspirações com a profissão.

A terceira pesquisa foi realizada por Silva e Barletto (2012) que analisou nos discursos de estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade de Minas Gerais as vozes subjacentes reproduzidas em seus discursos sobre o curso, ou seja, os discursos socialmente construídos sobre o curso. As pesquisadoras concluíram que a voz da família evidenciava representações negativas sobre o curso, sendo estas balizadas sobretudo pela questão da baixa remuneração e das dificuldades para o exercício da profissão no cenário escolar. Em contrapartida, as representações positivas sobre a escolha profissional pelo curso de Pedagogia diziam respeito à empregabilidade e ao reconhecimento da existência da vocação para o exercício da profissão. Para as pesquisadoras, os dados ilustraram que o curso de Pedagogia está relacionado ao gênero feminino e também com a presença do aspecto vocacional para o ingresso e atuação na profissão.

Conforme Loguercio e Del Pino (2003), o contato do professor em formação inicial com a realidade escolar por meio da prática de ensino pode evidenciar muitas vezes o choque cultural e epistemológico entre o discurso corrente na academia e os significados construídos no contexto da cultura escolar. Como apresentado também na pesquisa de Silva e Barletto (2012), a escolha profissional pode desencadear tanto discursos positivos quanto negativos e estes podem interferir na forma como os professores em formação inicial percebem a si e a profissão. Diante disso, ao analisarmos a relação universidade e sociedade caberia indagarmos de onde estamos olhando a questão da profissão professor. O que nos (des)autoriza a concordar com este ou aquele discurso sobre a profissão professor? Quem (não) tem o poder de dizer o que é ou deveria ser o/a profissional professor/a? Estas questões provocam a imersão nos aspectos socioculturais que compõem nossa visão de mundo e nossa concepção do que é ser professor, aspectos fundantes para a (re)construção das identidades profissionais.

Estamos sempre significando em relação a alguma coisa, o significado, tão necessário ao homem não se faz no vazio. O ser homem ou ser mulher se constitui através de redes discursivas oriundas da cultura sobre gênero, biologia, corpo. Da mesma forma, o ser professor/a se institui nos discursos acadêmicos, sociais, escolares, históricos. O ser 'o que quer que seja' se constitui na cultura (LOGUERCIO e DEL PINO, 2003, p. 19).

Pardal *et al* (2011) também dedicaram-se a conhecer a identidade profissional e para tanto aplicaram questionários a estudantes dos primeiros dois anos do curso de licenciatura em Educação de Infância de uma universidade portuguesa. A pesquisa de Pardal *et al* (2011) realizada na Universidade de Aveiro foi norteada pela problemática: “o conhecimento sobre a profissão docente, trazido do meio de pertença dos alunos para a escola, altera-se com a nova

informação recebida na instituição de formação, coexiste harmoniosamente como esta ou constitui-se face a ela em fator de resistência?” (PARDAL, et al, 2011, p. 420). Os resultados obtidos nos questionários indicaram a presença de uma concepção de professor relacionada à atividade burocrática e à prática pedagógica tradicional definida pela lógica da produção. Isso significa que caberia ao professor a função de ensinar e ao aluno a obrigação de aprender, dado que segundo os pesquisadores apontou para a problemática do grau de influência do curso de licenciatura na construção da identidade profissional desses futuros professores. Em outras palavras, mesmo estando no segundo ano do curso de licenciatura, os sujeitos da pesquisa ainda mantinham certas concepções sobre a profissão professor cristalizadas ao longo de sua trajetória de vida e escolar.

Segundo Botia, Cruz e Ruiz (2015), a identidade profissional congrega as influências do tempo e espaço escolar e familiar, para eles, “[...] as identidades profissionais são formas socialmente reconhecidas de identificar-se mutuamente no âmbito do trabalho” (BOTÍA, CRUZ e RUIZ, 2015, p. 5).

Diante da influência dos discursos socialmente construídos sobre a profissão professor e da necessidade de conhecermos as expectativas profissionais dos professores em formação inicial apresentamos na próxima seção uma análise feita a partir de excertos de narrativas autobiográficas de futuros pedagogos.

3.O que dizem as narrativas de professores em formação inicial

Ao longo dos estudos realizados na graduação em Pedagogia de uma universidade do interior do Paraná, propusemos o desafio aos acadêmicos do curso (nomeados neste artigo como professores em formação inicial) de refletirem sobre sua condição de futuros Pedagogos. Para tanto, os professores em formação inicial elaboraram uma narrativa autobiográfica por escrito em que narraram suas memórias como estudantes, suas concepções de professor e suas expectativas com a profissão. Essa atividade não contou com delimitação de linhas ou com maiores determinações referentes ao formato e a extensão da narrativa, mas incluiu algumas perguntas norteadoras a fim de auxiliar tal processo - Quais suas memórias de professor (a) da educação básica? Quais seus modelos de bom/mau professor (a), e como estes e sua família influenciaram em sua escolha pelo Magistério? Profissionalmente, como você se vê daqui há dois anos?

A proposta de escrita de narrativa autobiográfica foi realizada com duas turmas do terceiro ano do curso de Pedagogia, totalizando quarenta e cinco narrativas autobiográficas

recebidas. Para este artigo selecionamos excertos de quatro delas, considerando como critério de seleção a autorização por escrito dos referidos autores.

Segundo Danielewicz (2001), Mendes (2001), Dubar (2005), pelo fato de a identidade não ser unificada e fixa, conforme as práticas sociais em que participam os sujeitos vão sendo ampliadas, novos sentidos vão sendo construídos. Da mesma forma, quanto mais avançam no curso de formação, aumentam as situações para (re)produzir discursos sobre o que representa a profissão professor.

O primeiro aspecto que destacamos das autobiografias analisadas refere-se aos modelos de professores que marcaram a trajetória escolar dos futuros (as) pedagogos (as). Neste artigo identificamos os discursos dos professores em formação inicial pela letra ‘p’ e o respectivo número. Como modelos positivos de professor destacam-se os excertos de p.01, p.03 e p.04.

[...] sempre gostei dos meus professores, um exemplo foi na oitava série que eu não gostava muito de Matemática. Só que ela “levava coisas diferentes pra sala”, até teatro de matemática fizemos (p.01 – grifo nosso).

Em especial me recordo com muita clareza de uma diretora a qual agia com todo amor e com todos os alunos da mesma forma, mostrando que aquele “espaço formal” *era gostoso de conviver* [...] (p. 03 – grifo nosso).

Minhas memórias de professores e professoras em geral são muito boas, não me recordo de “nenhuma lembrança negativa,” pelo contrário, até sinto uma certa nostalgia, em especial do meu tempo de ‘primário’, ou seja da 1ª a 4ª série, bons tempos me lembro de cada professora do nome e do jeito, a relação professor aluno parecia ser mais intimista [...] (p. 04 – grifo nosso).

No discurso de p.01, p.03 e p.04 podemos observar a construção de modelos positivos de professores a partir de experiências agradáveis em sua trajetória na educação básica. Desses excertos é possível apreender as marcas positivas inscritas na história de vida escolar dos futuros (as) pedagogo(as) a partir de professores com práticas diferenciadas com ênfase na dimensão humanista e afetiva do papel do professor com os quais se identificaram.

Já na 4ª série tive uma professora que fazia a “turma decorar os nomes gigantescos das figuras históricas” e hoje percebo que isso não tinha nenhum sentido, pois não me lembro mais desses nomes e muito menos o papel que eles tiveram na história (p.02 – grifo nosso).

Como exemplo de mau professor, p.02 compartilhou sua lembrança do que identifica ser um modelo tradicional de aula em que a prática pedagógica era composta por atividades

descontextualizadas e pouco interessantes na visão da futura pedagoga. Nesse excerto podemos observar ainda que a reflexão realizada por p.02 ilustrou sua incompreensão e insatisfação com a validade das atividades realizadas por aquela professora. Em outras palavras, na condição de futura pedagoga p.02 problematizou a concepção de educação da professora e avaliou como contraproducente a metodologia adotada, uma vez que a prática de memorização não promoveu a aprendizagem do conteúdo. A reflexão de p.02 evidencia o conflito do que Loguercio e Del Pino (2003) discutem, este que pode ser decorrência da incompatibilidade das concepções de educação adotada pela professora da educação básica em oposição ao que p.02, agora considera como a metodologia mais adequada.

Nos excertos a seguir, trazemos, excertos de três vozes presentes nos discursos dos professores em formação inicial, vozes estas referentes a discursos que ouviram em suas práticas sociais quando da revelação da escolha pelo curso de Pedagogia.

Fiz vestibular 3 vezes para odontologia, 1 vez para fisioterapia, na 5ª vez, pensei, nossa! Que horror aquelas agulhas! Não gosto de sangue! Fiz então para Pedagogia. Quando saiu o resultado que contei que tinha feito para Pedagogia, “foi um bafafá,” pararam de falar comigo por 1 mês (p.01- grifo nosso).

[...] se eu tivesse escutado meus professores jamais teria feito Pedagogia, pois eles diziam que eu “deveria fazer um curso melhor” como Farmácia ou Fisioterapia, porém, hoje tenho certeza que fiz a escolha certa (p.02 – grifo nosso).

[...] sou honesto em dizer que o fiz por achar, que “a concorrência seria menor,” e na minha cabeça tinha para mim que não importava o curso, mas sim o diploma para que assim pudesse prestar concursos mais elevados (p.04 – grifo nosso).

No excerto do p.01 a voz que se fez presente é voz da família, discurso este que se mostrou contrário à escolha profissional da filha pela licenciatura; no excerto de p.02, a voz que enunciou uma representação depreciativa sobre o curso de Pedagogia foi a de seus próprios professores da educação básica e, em p.03 observamos o próprio juízo de valor atribuído pelo futuro pedagogo sobre sua escolha profissional. Essas vozes, família, professores e dos próprios professores e formação inicial desempenham papel decisivo no processo de (re)construção da identidade profissional, isso porque, delas emanam significados socialmente construídos sobre a profissão professor, com seus prós e contras, com suas verdades sedimentadas historicamente (BOTIA, CRUZ e RUIZ, 2015). O descontentamento pela escolha profissional da filha presente na voz da família e a falta de prestígio do curso de licenciatura na voz do professor e, inicialmente, também na voz do futuro pedagogo refletem aspectos socioculturais e históricos que continuam impactando os sentidos vigentes sobre ser

professor no país (SILVA e BARLETTO, 2012). Entre os fatores que podem influenciar na manutenção deste desprestígio arrolamos; a sobrecarga de trabalho do professor; a baixa remuneração; as condições de trabalho; a falta de reconhecimento social do trabalho do professor; a precarização da profissão; a baixa atratividade dos cursos de licenciaturas entre outros.

Além disso, destacamos como aspectos relevantes a serem tratados a questão da maioria feminina na área do magistério, embora retrate a realidade do cenário nacional⁴, também releva certo grau de estereótipo e de preconceito condicionando o exercício da docência ao gênero feminino conforme revelam os excertos abaixo.

No início sofri um grande choque, pois a professora me colocou para fora da sala dizendo que “homem não é professor” isso me marcou, pois como estava no início da profissão não sabia ao certo como reagir (p.03 – grifo nosso).

[...] tinha aquele preconceito de que “pedagogia era só para pessoas do sexo feminino”, ledo engano o meu, hoje no 3º ano da graduação vejo o quanto eu estava enganado, gosto demais do meu curso e não o trocaria por graduação nenhuma (p.04 – grifo nosso).

Retomando as categorias apresentadas por Dubar (2005), atos de atribuição que se refere ao tipo de homem e mulher que você é (na concepção do outro), teríamos então, no discurso de p.03 e p.04 exemplos ilustrativos da feminilização da atividade docente. O discurso de que o magistério representaria uma atividade exclusiva do gênero feminino ou de que depende da vocação para ser exercida. A representação de que o trabalho com crianças depende da figura feminina historicamente se justificou pela estreita relação entre o papel social de mãe e papel social de professora. Hoje, cada vez mais os cursos de licenciatura têm recebido rapazes e pais de família que buscam na atividade docente uma profissão estável ou a consolidação da profissionalização. Esse cenário não tem sido composto por acaso, segundo a publicação *Professores do Brasil: impasses e desafios* coordenada por Gatti et al (2009) o setor de educação é o terceiro que mais emprega no país, ficando atrás apenas dos escriturários e dos serviços, por essa razão o gênero feminino continua sendo maioria, inclusive na educação infantil.

Quanto às projeções profissionais ilustrativas da categoria atos de pertencimento conforme Dubar (2005), estas mostram que o acesso ao conhecimento científico no curso superior pode ampliar as possibilidades profissionais antes reduzidas à educação básica.

⁴ Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego em 2006 os profissionais da educação do gênero feminino computavam 77% da mão de obra em serviço (ver Gatti et al, 2009).

Avançam no curso, aprendem a profissão e participam de práticas de letramento científico, alguns dos professores em formação inicial já começam a visualizar-se como professores não somente na educação básica, mas também no ensino superior.

[...] agora meu “*objetivo é fazer mestrado e doutorado,*” passar em um concurso pra ser professora na universidade. Sou apaixonada pelo curso, adoro ler e estudar (p. 01 – grifo nosso).

Pretendo daqui 2 anos estar trabalhando na área da educação ou então se conseguir, “passar no mestrado” estar estudando por aqui ainda (p.02 – grifo nosso).

Daqui 2 anos me vejo como um “professor da Educação Infantil,” cuidando dos meus anjos com muita realização na profissão (p.03 – grifo nosso).

[...] Tenho sim o objetivo de “me tornar um professor universitário,” mas vou com calma o que quero é poder fazer a minha parte, como sujeito que acredita na educação [...] (p.04 – grifo nosso).

Em p.01, p.02 e p.04 observamos a formação continuada rumo ao mestrado e à docência no ensino superior como pretensões profissionais, o que pode ser um indicativo da influência do acesso ao conhecimento científico na construção da identidade profissional. Todavia, destacamos que o fato de os futuros (as) pedagogos (as) esboçarem o desejo de ingressar no ensino superior como docentes não elimina o seu pertencimento à categoria de professor (a) da educação básica; o que parece estar evidente nos excertos é a constatação da necessidade de formação contínua para atuação como professor.

4.Considerações finais

Dentre os aspectos que impactam a escolha da profissão, destacamos a influência da família, dos modelos de professores e, sobretudo, da influência dos discursos socialmente veiculados sobre a profissão professor. A trajetória de vida e escolar também compõe o panorama contextual da profissão, todavia, precisamos considerar que embora influenciem os sentidos construídos sobre o que é ser professor a identidade profissional encontra-se em permanente construção, por essa razão, toda interpretação aqui apresentada precisa ser compreendida dentro dos limites temporais (LARROSA, 2004).

Ao longo deste artigo com base na literatura consultada e na análise dos excertos das narrativas autobiográficas interpretamos que a identidade profissional se apresenta fluida, inacabada e em constante movimento nas práticas discursivas e sociais. Durante a trajetória acadêmica e profissional os sujeitos desta análise ainda construirão novas percepções sobre o

curso de Pedagogia e sobre si mesmos. Assim, no decorrer da rotina do curso de Pedagogia, das práticas de ensino, da (re)produção de discursos de/sobre professores irão ainda construir maiores compreensões sobre a complexidade da profissão professor. Todavia, vale destacar que este percurso nem sempre se apresenta homogêneo, porque os sentidos construídos pelos professores em formação inicial entrarão inevitavelmente em contato ou conflito com os discursos da academia, da mídia, das políticas públicas, o que resultará em constantes reconfigurações de suas compreensões sobre a profissão (PIMENTA, 1998; LOGUERCIO e DEL PINO, 2003; BEIJARRD, MEIJER e VERLOOP, 2004).

Sendo assim, o propósito deste artigo foi retomar o lugar de destaque da temática identidade profissional com base nas contribuições da pesquisa narrativa e ilustrar com excertos de autobiografias de futuros (as) pedagogos (as) as representações sociais de atuação profissional explicitadas no discurso. As experiências escolares, as histórias de vida e o acesso ao conhecimento científico alcançado na licenciatura nos apontam que não nascemos professores, mas que nos (re)construímos identitariamente como professores, na medida em que temos a oportunidade de refletir sobre nossa trajetória e sobre as representações sociais que ora nos aproximam, ora nos distanciam da profissão.

No campo do devir das identidades, a identidade profissional apresenta-se como mais uma incógnita (re)construída a cada dia, a cada discurso, a cada experiência positiva ou não que futuros (as) professores (as) enfrentam durante sua história (JENKLINK, 2014). O fato é que a literatura na área nos subsidia na assertiva de que a profissão professor, bem como a identidade profissional do professor, originam-se das interações sociais (harmoniosas ou não) e das condicionantes socioculturais, políticas e históricas, estando portanto, em permanente (re)construção.

REFERÊNCIAS

BEIJAARD, Douwe; MEIJER, Paulier C.; VERLOOP, Nico. Reconsidering research on teachers' professional identity. *Teaching and teacher education*, n. 20, p. 107-128, 2004. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/11190/10?sequence=1>> Acesso em 25 abr. 2015.

BOTÍA, Antônio B.; CRUZ, Manuel F.; RUIZ, Enriquete M. Investigar la identidad profesional del profesorado: una triangulación secuencial. *FQS Fórum: qualitative social research*. v. 6, n.1, Enero, 2015. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/516/1117>> Acesso 24 abr. 2015.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Edufu, 2011.

CONNELLY, F.M.; CLANDININ, D.JEAN. Stories of experience and narratives inquiry. *American Educational Research Association*. v.19, n.5, jun/jul. 1990. p.02-14.

DANIELEWICZ, Jane. *Teaching selves: identity, pedagogy, and teacher education*. US: State University of New York Press, 2001.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fonte, 2005.

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba S. S. (coord.) *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S.; WOODWARD, K.; SILVA, T.T. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

JENKLINK, Patrick M. Learning our identity as teacher: a palimpsest writ large in life In: Jenklink, P.M. *Teacher identity and the struggle for recognition: meeting the challenges of diverse society*. US: R&L Education, 2014, p. 247-257.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade (a modo de presentación). In: ABRAHÃO, Maria H. M. B. (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, RS: EDUPUCRS, 2004.

LOGUERCIO, Rochele A.; DEL PINO, José C. Os discursos produtores de identidade docente. *Ciência & Educação*, v. 9, n.1, p. 17-26, 2003. Disponível em: <http://www.iq.ufrgs.br/aeq/producao/delpino/cien_edu.pdf> Acesso em 24 abr. 2015.

NÓVOA, Antônio. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

MENDES, José M. O. O desafio das identidades. In: SOUSA SANTOS, B. *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Ed. Afrontamento, 2001.

PARDAL, Luís; NETO-MENDES, Antônio; MARTINS, Antônio; GONÇALVES, Manuela; PEDRO, Ana. Quando for grande vou ser professor: a identidade docente representada por futuros professores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 11, n. 33, p. 417-433, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=5062&dd99=view&dd98=pb>> Acesso em 21 abr. 2015.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. In: Fazenda, I. (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 161-178.

SILVA, Lourdes; BARLETTO, Marisa. A escolha do curso de pedagogia: narrativas e representações sociais de estudantes da UF”. *Educação & Linguagem*, Metodista. v. 15, n.25, p. 104-118. jan./jun, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/3349/3070>> Acesso em 15 abr. 2015.

SOUZA, Elizeu C. (Auto)biografias, identidades e alteridades: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na Pós-Graduação. *Revista Fórum Identidades*. ano 2, v. 4, jul./dez.2008. p. 37-50. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1808> Acesso 13 em fev. 2015.

TELLES, João A. É pesquisa, é? Ah! Não quero não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*. v. 5, n.2, p.91-166, 2002a.

TELLES, João A. A trajetória narrativa: histórias sobre a prática pedagógica e a formação de professores de línguas. In: GIMENEZ, T. (Org.). *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2002b.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

Recebido em 26/04/2015.

Aceito em 29/08/2015.